não me levem as coisas,

eu não reconheço a minha cara, mas as pessoas continuam a reconhecer-me por ela. Eu não reconheço a minha cara, mas as pessoas continuam a reconhecer-me por ela. Olham para mim e sabem quem eu sou. Sabem o meu nome, sabem a minha história. Acordo com memórias que sei pertencerem-me, mas custa-me compreender que fui eu a acordar nesses diferentes sítios.
O meu cérebro procura o vício, para que fique mais fácil viver sobre isto. Não estou assim tão mal, encontro outra dimensão. O mundo é demasiado grande para ser só isto que me mostram. O mundo é demasiado pequeno para ser só isto que me mostram. O mundo não tem tamanho para ser só isto que me mostram. Não confio nos meus ouvidos para me guiarem na rua, mas também não confio na minha visão. Não quero confiar na minha visão, parece-me demasiado falaciosa. Terei então de confiar nos meus ouvidos, eles ditam a minha realidade. A minha imaginação.

Uso uma máscara pois é me igual tê-la, ou não. Por me ser igual, é que a uso. Não me reconheço de qualquer dos modos. Serei eu, a minha própria máscara?
Será que o meu feitiço está fora de validade? Fora, fora, fora. Já não me vejo no meu corpo, a minha história já passou, o meu corpo continua a andar mas eu já não me revejo onde eu estou.
Criei uma Madalena sobre uma ideia de caixa de ideias de feitiços.
Para mim está me igual ser uma Lúcia.

falem com o tempo, depois podemos continuar,
Não quero ter este mundo interior, o mundo lá fora é tão bonito. O sol é tão bonito. E as minhas mãos também são bonitas. Como é que é suposto eu relacionar-me com qualquer ser humano existente na minha vida? Os meus olhos vêem objetos, eu amo-os. Fará sentido.
O meu coração é simpático para com eles. Com eles não me assusto, não me questiono. Guardo tudo comigo, como se estes objetos soubessem coisas sobre mim que eu não sei…e eu quero descobrir-me, não posso deixar que me levem isso. Se me levarem as coisas, eu perco-me mais neste mundo ao qual não pertenço. Não me levem as coisas, não me levem as coisas, não me levem as coisas, não me levem as coisas, sou um acumular de coisas, não me levem as coisas, não me levem as coisas, não me levem as coisas, não me levem.

a minha criança precisa delas.

Estou com uma forte despersonalização,
mas estou tranquila.
Sei que vai passar.
sei que rapidamente voltará a ser mais simples fingir que acredito na cidade da mentira que criei.
E a vida torna-se mais leve.

E se eu fizer um objeto para o meu pé, que o ajude a escrever? Talvez deste modo ele deixe de se sentir tão perdido neste mundo ao qual não pertence. Talvez se torne mais leve a possibilidade de fingir que acredita no feitiço do qual é possuído. Adaptando-se à sua condição.
Ele diz-me não ser daqui, eu digo-lhe não ser daqui. Não ser de lado nenhum. Ser de dentro de mim, e de vez em quando tenho de vir cá fora.

a minha criança vivia sempre dentro de si,
ela lá ia ficando bem.
Coitadinho do meu pé, vou cuidar dele.
Sapatos para o pé, cuecas para a mulher.
Parem de tentar trazer-me para onde não pertenço, não pertenço. Não pertenço, não pertenço.
Não me tirem as coisas, deixem-me ficar com elas. Elas sabem coisas sobre mim que eu não sei.
Preciso de perceber melhor.

aqui vou eu para a vida que criei, aquilo que sinto é ir ser algo que fantasiei. Estar fora de validade mas ter de continuar a viver nesta cidade da mentira à apanhada comigo mesma. Este feitiço já não funciona. Os objetos sabem o meu verdadeiro feitiço. Deixem-nos ficar. não os percam! Não os percam, não os roubem, não os estraguem.

A minha bisavó vive sobre um constante medo que lhe roubem as coisas.